



**María Jimena Schere (2018) *El par cómico: Un estudio sobre la persuasión cómica en la comedia temprana de Aristófanes*. Buenos Aires: Santiago. Arcos Editor/Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, 334p. ISBN: 978-987-3960-15-4**

*Ana Maria César Pompeu (Universidade Federal do Ceará)*  
amcpompeu@hotmail.com

O livro é o resultado de pesquisas do doutorado e pós-doutorado de Schere, sob a direção de Claudia Nélide, renomada especialista em Aristófanes.

Observando que a comédia de Aristófanes é um testemunho fundamental para os estudos da origem do gênero cômico no ocidente e dos seus traços constitutivos que sobrevivem até os dias de hoje, Schere aponta como um dos seus elementos centrais as personagens tipo, que são uma constante no gênero desde a Antiguidade clássica. Tais são: o burlador astuto, o fanfarrão, o misantropo, o adulator, entre muitos outros (em cearensês, poderíamos traduzir: o enrolão sabido, o gabola, o enfezado, o baba-ovo), formando uma galeria de tópicos cômicos que têm antecedentes na literatura grega antiga e sobrevivem na literatura posterior.

O par cômico do burlador e do burlado (ou do enrolão e do enrolado, em cearensês), composto por duas figuras opostas e antagônicas que constituem o nó da ação dramática, ganha uma relevância especial, segundo Schere, na comédia da primeira fase de Aristófanes. O porta-voz do discurso positivo será o herói cômico e ele será o vencedor e burlador/enrolão de seu adversário, que personifica o principal contradiscurso atacado na peça.

Os antecedentes do par cômico aristofânico encontram-se na tradição folclórica e em gêneros que exerceram influência sobre a comédia de Aristófanes:

a épica (Odisseu *versus* Iro/Tersites/Ciclope), a fábula (Águia *versus* Escaravelho) e a poesia iâmbica (Arquíloco *versus* Licambes). Elas constroem a figura do antagonista do par como um alvo cômico central, ridicularizado e vencido pelo herói e sua sagacidade.

As primeiras comédias de Aristófanes, ao incorporarem tal esquema herdado, fazem o antagonista aristofânico, que normalmente é uma personagem destacada e de existência real na Atenas contemporânea, ser associado aos olhos do público ateniense com os estigmas negativos que pesam sobre o antagonista do par cômico tradicional e, desse modo, segundo Schere, a dupla aristofânica constitui o recurso central de persuasão cômica que a comédia emprega para degradar seus alvos de ataque, com o aval da tradição literária.

O estudo de Schere propõe demonstrar a existência do par cômico na fase inicial da comédia aristofânica, como ela o tem definido, caracterizando sua estrutura tópica convencional e analisando sua função cômica e persuasiva, que permite atacar com eficiência os alvos satíricos centrais da comédia, guiando a interpretação do espectador e limitando as ambiguidades próprias de toda obra ficcional. A abordagem de Schere pretende, em segundo plano, trazer a reflexão teórica sobre as relações entre humor e argumentação no quadro da ficção literária.

No primeiro capítulo “I. Discurso cômico e argumentação. Perspectivas teóricas”, ela apresenta uma síntese crítica dos estudos teóricos que têm abordado a dimensão argumentativa do discurso cômico e propõe algumas noções pertinentes para analisar as complexas relações entre humor e argumentação no plano da ficção literária.

No segundo capítulo “II. Discurso e argumentação na comédia de Aristófanes. Aproximações críticas”, ela registra e discute os estudos específicos da crítica aristofânica que têm confirmado ou negado a dimensão persuasiva da comédia aristofânica, observando que tal debate atravessa o século XX e segue sendo uma polêmica aberta até os dias atuais. O trabalho de Schere segue a linha dos estudos que reconhecem a importância da dimensão argumentativa da comédia, de acordo com ela, sempre posta em questão e nunca suficientemente justificada, e propõe a análise do par cômico como seu recurso central de persuasão cômica.

No terceiro capítulo “III. O par cômico na tradição literária grega”, ela propõe provar a existência da estrutura convencional do par cômico na épica homérica, no iambo e na fábula, gêneros predecessores da comédia, que influenciaram na construção do par cômico aristofânico, com seu caráter tópico e seu embasamento intertextual.

Os quatro capítulos seguintes “IV. O par cômico em *Acarnenses*”, “V. O par cômico em *Cavaleiros*”, “VI. O par cômico em *Vespas*” e “VII. O par cômico em *Paz* e suas projeções em *Lisístrata*” são ordenados de acordo com um critério cronológico. Essa organização permite observar a evolução e as variações na construção do par cômico aristofânico nas comédias conservadas da fase inicial a partir da análise de passagens específicas em cada peça, com as cenas agonais entre o herói e seu oponente. Em *Acarnenses*: Diceópolis *versus* Lâmaco; em *Cavaleiros*: Chouriceiro/coro de Cavaleiros *versus* Paflagônio; *Vespas*: Bdelicléon *versus* Filocléon; *Paz*: Trigeu *versus* Pólemos.

Em *Acarnenses*, Lâmaco personifica a postura a favor da guerra ou a própria guerra pelo significado de seu nome, Grande Batalha, que traduzimos como Batalhão, no sentido de uma batalha grande ou um grupo de soldados na batalha; em *Cavaleiros*, o Chouriceiro, ou Vendetripa, na nossa tradução, protagoniza o ataque contra o líder político Cléon, o Paflagônio, que se torna o Barraqueiro, na nossa tradução; em *Vespas*, o sensato Bdelicléon, o que odeia Cléon, enfrenta seu pai Filocléon, o que ama Cléon, representante dos abusos do sistema jurídico ateniense; em *Paz*, o vinhateiro Trigeu, partidário da paz, enfrenta e derrota Pólemos, personificação divinizada da guerra.

Para Schere, a análise comparativa dessas obras tem por objeto provar a existência do par tópico do burlador e o burlado na comédia da fase inicial de Aristófanes, sistematizando seus traços definidores e suas particularidades em relação aos gêneros precedentes, observando sua evolução dentro da própria obra do comediógrafo e indagando sua função cômica e persuasiva.

As quatro comédias analisadas têm em comum a particularidade de centrar-se em polêmicas de caráter especificamente político: *Acarnenses* (425 a.C.) e *Paz* (421 a.C.) são focadas no contexto da guerra entre Atenas e Esparta e as polêmicas belicistas; *Cavaleiros* (424 a.C.) ataca os oradores políticos da democracia radical, especialmente Cléon, o líder mais relevante da época; *Vespas* (422 a.C.) questiona as relações entre o poder político e o judicial. Além disso,

Schere observa, essas comédias compartilham o mesmo contexto de produção e recepção, marcado pela influência das políticas de Cléon e pelo ataque satírico contra esta personagem histórica.

Dentro da produção inicial do comediógrafo Aristófanes, Schere deixou de fora a comédia *Nuvens*, a qual faz referências ocasionais. Ela explica que tal decisão se deve ao fato de que *Nuvens* envolve sobretudo uma polêmica particular, de carácter retórico-filosófico, contra a sofística e a nova educação. E a comédia inicial conservada desenvolve, no entender da autora, principalmente três eixos polêmicos dominantes, estreitamente interrelacionados entre si. São eles: a polêmica política, a polêmica retórico-filosófica e a polêmica literária. São as comédias centradas no primeiro desses eixos que constituem o objeto principal do estudo de Schere.

Este livro, de acordo com a autora e com a resenhista, incorpora informações e esclarecimentos pertinentes não só para especialistas da área, mas também para todo leitor interessado na comédia grega antiga, nos estudos teóricos sobre discurso cômico e na teoria da argumentação. Ressaltamos que o livro é muito bem escrito, didaticamente elaborado, com retomadas e conclusões a cada capítulo, dialogando com uma extensa e rica bibliografia sobre o tema do par cômico em Aristófanes.

*Data de publicação: 02/10/2023*